



Imprensa e Favelas, Representações e Políticas¹

Daniella Guedes Rocha²

Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC/FGV),
Rio de Janeiro, RJ

Resumo

Este artigo analisa os diferentes enquadramentos sobre as favelas encontrados na imprensa carioca desde o fim do século XX, identificando uma relação entre estas representações e as políticas públicas voltadas para aqueles espaços em cada período. De antro de doenças, num momento em que a política higienista era dominante, ao espaço da criminalidade, quando a favela se torna essencialmente um problema de segurança pública, as representações e as políticas caminham juntas no tempo.

Palavras-chave: Jornalismo; Estudos de Jornalismo; Jornalismo Impresso; cidade; favelas.

1. Introdução

A análise de coberturas jornalísticas na imprensa carioca sobre as favelas da cidade do Rio de Janeiro mostra, ao longo do tempo, uma variedade de representações sobre estes espaços. Os conteúdos destas coberturas foram analisados sob a ótica do conceito de enquadramento, partindo-se do princípio de que, ao enfocarem alguns aspectos de uma notícia em detrimento de outros, os jornalistas acabam por construir subjetividades em relação ao foco do noticiário, seja ele um território ou um grupo de indivíduos. O enquadramento corresponderia, segundo Porto (2002:76), a um segundo nível de efeitos da mídia. Enquanto a teoria do *agenda setting*, forjada em 1972 por Maxwell McCombs e Donald L. Shaw, corresponderia a um primeiro nível, ao determinar *sobre o que* as pessoas devem pensar; o segundo nível corresponderia ao conceito de enquadramento: a mídia não só afeta *sobre o que* o público pensa, mas também *como* o público pensa sobre determinados temas. Segundo Entman (1994:294 apud PORTO, 2002:82), enquadrar

¹ Trabalho apresentado no GP Jornalismo Impresso do XVI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda em História, Política e Bens Culturais no CPDOC/FGV, email: guedes.dani@gmail.com.



significa selecionar certos aspectos de uma “realidade percebida e fazê-los mais salientes em um texto comunicativo, de forma a promover uma definição particular do problema, uma interpretação causal, uma avaliação moral e/ou uma recomendação de tratamento para o item descrito”.

À medida que organiza os múltiplos fluxos de acontecimentos, “a mídia hierarquiza os temas, selecionando os que deverão ser do conhecimento público e, dentre estes, os que deverão necessariamente ser discutidos, debatidos, pensados” (COIMBRA, 2001:36). Segundo Gitlin (1980:2), este sistema de enquadramentos no qual a cobertura se apoia ajuda a formar representações do real, quando continuamente repetido. Estas representações se referem à seleção de determinadas versões do fato, dentre muitas outras, o que acaba por construir uma interpretação particular da realidade. Neste caso, ao trabalharem com seleção e omissão, ênfases e entonações, dentre diversas outras formas de tratamento do texto, os meios de comunicação de massa representam uma significativa força social na formulação e delimitação de ideologias (idem, p.9). Espaços e/ou grupos são atingidos por estes “princípios de seleção, ênfase e apresentação” utilizados por jornalistas para organizar o noticiário (PORTO, 2001:12), podendo o estudo dos enquadramentos desenvolvidos pela mídia revelar como os mesmos são rotulados pelos meios de comunicação.

No caso do trabalho desenvolvido para este artigo, diferentes coberturas realizadas ao longo de décadas, desde o surgimento das favelas no Rio de Janeiro, no fim do século XIX, tiveram seu conteúdo analisado para determinar dentro de quais categorias as favelas foram retratadas. Na imprensa carioca, a favela foi representada de diferentes formas, sendo relacionadas a alguns enquadramentos positivos, e [muitos] outros negativos. Estas representações criadas possuem relação com as políticas públicas e o tratamento dado a estes espaços e seus moradores por autoridades e cidadãos cariocas.

2. A favela enquadrada

A relação da favela e de seus moradores com os habitantes do “asfalto” tem sido mediada por diversos atores, entre eles os meios de comunicação. No começo do século, eram as palavras dos cronistas que serviam de guias para que os cidadãos pudessem montar em seu imaginário peças de um quebra-cabeça que, ao fim, seria a imagem da favela que carregariam consigo. A favela sempre esteve ao alcance, mas não era explorada pelos cariocas a ponto de conseguirem tirar suas próprias conclusões acerca daquele espaço. Por



um longo tempo, cronistas e jornalistas foram os principais agentes na construção das representações acerca da favela, ganhando a companhia de pesquisadores na década de 1970 (VALLADARES, 2005). Coube a estes desmistificar algumas das representações do senso comum e contribuir com novas imagens, construídas através de estudos que se utilizavam da observação participante e de entrevistas, entre outros métodos.

A primeira favela da cidade do Rio de Janeiro, o Morro da Favella, hoje Morro da Providência, dataria de 1897, após o retorno dos soldados que lutaram na Guerra de Canudos. Estes não receberam os benefícios prometidos no ato de alistamento e, longe de seus locais de origem, acamparam no morro que existia atrás do Ministério da Guerra, hoje Comando Militar do Leste. Há relatos, no entanto, que estes militares já teriam encontrado ali ocupações de moradores despejados do cortiço Cabeça de Porco, um dos maiores da cidade, demolido em 1894. É exatamente dos cortiços que a favela herda sua primeira representação. Zaluar e Alvito (2006:10) sustentam que já no início do século os morros da cidade eram vistos pela polícia e por alguns grupos sociais como locais perigosos, refúgios de criminosos. O cortiço carioca, “definido como um verdadeiro ‘inferno social’, era visto como antro de vagabundagem e do crime, além de lugar propício às epidemias”, um espaço “propagador da doença e do vício” (VALLADARES, 2005:24). Segundo a mesma autora, parece, então, “natural a representação da favela retomar a idéia de doença, mal contagioso, patologia social a ser combatida” (idem, p.40).

Deste modo, o enquadramento da favela como local da criminalidade divide espaço com o enquadramento higienista, uma visão dos morros como um duplo problema, policial e sanitário, que persistirá ao longo do século XX. Uma caricatura de 1908 publicada na revista *O Malho*, em referência ao Morro da Providência, mostra o médico Osvaldo Cruz ostentando uma braçadeira com o símbolo da saúde e expulsando a população da favela, representada por um monstro com os cabelos cobertos de pessoas que são retiradas pelo sanitarista com a ajuda de um pente fino. A favela já estava na pauta de preocupação dos governantes, que viam na remoção uma das soluções para o problema. “Arrasar” a favela é a sugestão feita pela *Revista Careta* de 4 de dezembro de 1909, na reportagem “O Rio Desconhecido”: “A policia, por vezes, exerce a sua vigilância nesses antros, onde raras vezes penetra a hygiene. (...) No entanto, apesar de possuir elementos honestos, a Favella é um antro de faccinoras e deve ser arrasado para decencia e hygiene da Capital Federal” (*Revista Careta*, 04/12/1909).



No entanto, se alguns consideravam a favela um “lugar não-civilizado, imundo e perigoso”, outros a viam como um “lugar ‘desgraçado’ cheio de gente desafortunada e merecedora de piedade” (PERLMAN, 1977:289). Esta visão se traduzia, na mídia carioca, em um enquadramento paternalista, como encontrado na matéria do *Correio da Manhã* de 02 de junho de 1907, que afirma serem os morros da cidade os únicos espaços que restavam aos pobres. “A montanha abre o seu manto verde e acolhe os pobrezinhos como os santos no tempo suave dos eremitas”, diz o texto. É também no começo do século que a favela, miserável e imunda, começa a ser contraposta à cidade em si. Para Zaluar e Alvito (2006), esta representação está presente em textos da maioria dos cronistas que escreveram entre 1908 e 1923 sobre as favelas cariocas. Estes inseriram em seus discursos o conceito de *dualidade*, fortemente presente nas crônicas de Olavo Bilac. Valladares (2005:36) ressalta que a favela era vista como um outro mundo, longe da cidade, alcançado apenas através da “ponte construída pelo repórter ou cronista, levando o leitor até o alto do morro que ele, membro da classe média ou da elite, não ousava subir”. A crônica *Fora da Vida*, de Bilac, escrita em 1908, retrata a vida de uma lavadeira do Morro da Conceição (próximo à atual Praça Mauá) que não descia para a cidade há 33 anos:

“Fizemos cá embaixo a Abolição e a República, criamos e destruimos governos (...), rasgamos em avenidas o velho seio urbano, trabalhamos, penamos, gozamos, deliramos, sofremos – vivemos. E, tão perto materialmente de nós, no seu morro, esta criatura está lá 33 anos tão moralmente afastada de nós, tão separada de fato da nossa vida, como se, recuada no espaço e no tempo, estivesse vivendo no século atrasado, e no fundo da China (...) essas criaturas apagadas e tristes, apáticas e inexpressivas, que vivem fora da vida” (citado em ZALUAR & ALVITO, 2006:11).

O jornalista Benjamin Costallat descrevia a favela “como uma cidade dentro da cidade”, enquanto o sambista Orestes Barbosa afirmava que havia “duas cidades no Rio”. Uma destas cidades, segundo o escritor Lima Barreto, seria europeia, enquanto a outra, indígena. Este modelo dicotômico também esteve presente na obra de João do Rio, que, ao falar da favela, se sente “na roça, no sertão, longe da cidade”, e lança mão de pares opostos como dentro/fora, alto/baixo, centro/periferia, avanço tecnológico/atraso.

Na matéria publicada na revista *A Semana* em 27 de fevereiro de 1927 acerca da exibição do documentário “Como vivem os habitantes da Favella”, de Augusto Mattos Pimenta, as favelas são “chagas, focos de imundície, de promiscuidade e de horror” (apud SILVA & BARBOSA, 2005:30). Mattos Pimenta era membro ilustre do Rotary Club e empreendeu, entre 1926 e 1927, uma grande campanha na imprensa contra a favela, apresentando-a como “lepra da estética”. Segundo Valladares (2005:42), “mais do que



qualquer outro personagem do seu tempo”, ele contribuiu para “a transformação da favela em problema, combinando o discurso médico-higienista com o reformismo progressista e os princípios de um urbanismo ainda mais ambicioso que o de Pereira Passos”. Mattos Pimenta propunha um projeto de substituição das favelas por grandes conjuntos habitacionais que não chegou a ser implementado, mas suas ideias relativas ao urbanismo e às favelas contribuíram bastante para a construção das representações das elites e a formulação de propostas que retomariam suas bandeiras em relação a estes espaços populares: Plano Agache, Código de Obras e Banco Nacional de Habitação (idem, p.45).

Na década de 1920, surge um movimento de valorização da favela, elegendo-a como um dos símbolos da cultura nacional, o berço do samba, e dona de uma beleza rústica. Na pobreza da favela, são valorizados a beleza e o lirismo dos versos dos sambas – é a *exotização* deste espaço e de seus moradores. Mas os bambas e as lindas dançarinas se misturam ao estigma de espaço violento e sem higiene: “O ‘bamba’ (...) herdou, ao mesmo tempo, todas as belas qualidades do ‘capoeira’, corajoso e destemido, e todos os graves defeitos do ‘tungador’, trapacista e ladrão. As dançarinas de ‘sambas’ (...) simbolizam a perdição naquele mundo infecto...” (*Correio da Manhã*, 02/07/1923). A reação da favela também vem por meio das palavras: o primeiro jornal comunitário, *A Voz do Morro*, começa a ser publicado em março de 1935, transformando-se em mais que um informativo da Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira; era um instrumento a serviço da comunidade. “A cidade, em sua luz feérica, com a elegância dos que nela imperam, vai quedar extasiada quando nosso jornalzinho lhe surgir aos olhos acostumados aos magazines de luxo e jornais gritantes e dominadores” (Editorial de *A Voz do Morro*, p.1). Apesar das tentativas de valorizar a favela, promovendo representações positivas acerca deste espaço, documentos oficiais continuavam a formular enquadramentos negativos. O Código de Obras de 1937, por exemplo, considerava as favelas uma “aberração” que não podia sequer constar no mapa oficial da cidade.

Nas décadas de 1940 e 1950, construiu-se uma representação da favela como o espaço de ausências e carências. A precariedade de infraestrutura existente nas favelas levou ao surgimento das imagens que fizeram destes espaços o “lugar da carência, da falta”, o lugar por excelência da desordem (ZALUAR & ALVITO, 2006:8). É, nas palavras de Oliveira e Marcier (2006:73), o “espaço do *Não*”, quando a favela se afirma a partir de suas características físicas, dos aspectos visíveis, “emergindo como o espaço da habitação precária e improvisada, do predomínio do rústico sobre o durável, da ausência de



arruamento, da escassez de serviços públicos”. Este enquadramento é um dos principais encontrados na campanha “A Batalha do Rio”, de 1948, liderada na imprensa carioca pelo jornal *Correio da Manhã*, mais especificamente pelo jornalista Carlos Lacerda, que lança a campanha na coluna *Tribuna da Imprensa*. A campanha produz várias reportagens em que se discute o problema favela. Na reportagem “Um retrato da favela da Barreira do Vasco num inquérito da Fundação Leão XIII”, de 25 de maio, a favela é descrita como

“uma aglomeração de casas e tapumes que, muitas vezes, não tem de separação entre si nem mesmo um metro. As habitações são de barro, tem parte demolida, teto de folha de zinco, lata de querosene ou mesmo de lona, janela sem postigo, cômodo único ou duplo, para toda a família e seus agregados, tudo isso completado pela falta de água e de esgoto. Suas ruas têm traçados variados, formando ziguezagues, becos e ruelas onde escorre uma água verde lodosa e mal cheirosa, proveniente dos despejos domésticos e sanitários e onde polulam mosquitos, vermes, porcos, galinhas e até crianças”³.

A proposta de Carlos Lacerda era melhorar a favela, dando “aos seus habitantes melhores oportunidades e possibilidades de comer melhor, de educar-se, de ter mais saúde, etc, dando-lhes assim forças para sair da favela”. Além de melhorar as condições de vida dos favelados, o *Correio da Manhã* cita outra “vantagem” em higienizar as favelas e provê-las de redes de água e esgoto. A favela era vista como um “centro imenso da miséria, bojo de epidemias”⁴. Em caso de epidemia, a favela seria um “foco de irradiação terrível” - de lá sairiam germes incontrolláveis “que fariam uma devastação aqui em baixo”⁵. Assim, a higienização da favela seria “útil” para os moradores de toda a cidade, também “ameaçados” pelas doenças e pela miséria que imperavam naqueles lugares. A Batalha do Rio de Janeiro não teve consequências práticas, ficando os projetos propostos restritos às páginas dos jornais. Promover “assistência material e moral dos habitantes dos morros e favelas do Rio de Janeiro”⁶, no entanto, já era o objetivo da Fundação Leão XIII, criada em 1946. A melhoria das condições dos moradores das favelas também será o foco da Cruzada São Sebastião, criada em 1955, que via a “urbanização como condição mínima de vivência humana e elevação moral, intelectual, social e econômica” (VALLA, 1984).

Apesar das intenções urbanizadoras de Lacerda em 1948, o político será um dos principais nomes do período em que a remoção de favelas deu o tom nas políticas voltadas para estes espaços, notadamente nas décadas de 1960 e 1970. A política remocionista levou

³ “Um retrato da favela da Barreira do Vasco num inquérito da Fundação Leão XIII” – *Correio da Manhã*, 25/05/1948, última página.

⁴ “A sexta cidade” – *Correio da Manhã*, 30/05/1948, Última Página.

⁵ “Escondidinho ou Prazeres vista por dentro” - *Correio da Manhã*, 30/05/1948, Última Página.

⁶ FUNDAÇÃO LEÃO XIII. *Estatutos da Fundação Leão XIII: artigo 1º*. Rio de Janeiro, 2 fev. 1947



a imprensa, por vezes, a se posicionar ao lado dos moradores removidos, devido à truculência policial no momento da remoção e os problemas posteriores. O *Jornal do Brasil* relata que na remoção da favela Jardim América, em Vigário Geral, um jovem de 16 anos, estofador, foi baleado na coxa esquerda “por um guarda que depois o atacou a socos, coronhadas e golpes de cassetetes, arrastando-o pela lama” (*Jornal do Brasil*, 26/05/1966). Os problemas encontrados também foram relatados. Por ocasião da iminente remoção do Morro da Catacumba, a edição do *Jornal do Brasil* de 03 de maio de 1969 reproduz a fala de uma moradora que reflete a preocupação de muitos dos favelados. Dona Amália diz não ter condições de pagar a prestação, por menor que seja: “Na favela eu moro de graça”. Dois anos depois, a reportagem “Nem mesmo na Catacumba eles tinham tantos problemas”, publicada em 21 de janeiro de 1971 pelo *Correio da Manhã*, afirma que as 2.230 famílias removidas do Morro da Catacumba enfrentavam dificuldades para pagar as despesas com água, luz, condomínio e as mensalidades dos apartamentos, além da condução para ir trabalhar. O comentário do *Jornal do Brasil* sobre a derrota do candidato ao governo da Guanabara apoiado por Carlos Lacerda, Flexa Ribeiro, resume o sentimento em relação aos conjuntos habitacionais construídos pelo Governo: “a Vila Kennedy não era o sonho dourado dos favelados” (*Jornal do Brasil*, 16/04/1965). A reação dos moradores às remoções, em defesa da urbanização das favelas, levou a uma representação positiva dos moradores, quando o discurso sociológico a define como um complexo coesivo, extremamente forte no que diz respeito aos níveis de associação.

Nos anos 1980, com a chegada do tráfico de cocaína, o discurso sociológico sobre a favela volta a mudar, e esta passa a ser representada como “covil de bandidos, zona franca do crime, habitat natural das ‘classes perigosas’” (ZALUAR & ALVITO, 2006:15). Relatos e reportagens que mostravam a violência, o tráfico e a criminalidade nas favelas e em torno delas passaram a ocupar as páginas dos jornais. A violência ligada ao tráfico de drogas aparece, então, como um “novo divisor de águas, reatualizando a velha oposição entre a parte civilizada da cidade e a barbárie” (SANTOS, 2001:3). No começo da década de 1990, os arrastões nas praias da Zona Sul e as chacinas de Candelária e Vigário Geral são decisivos para a “acomodação da imagem da cidade partida como definidora da experiência urbana no Rio de Janeiro, cristalizada” com a publicação do livro *Cidade Partida*, de Zuenir Ventura, em 1994 (idem, p. 93). Como resposta, na mesma década o debate em torno das favelas passa a ter como eixo principal o desafio de integrá-las à cidade. Esta integração se daria através da urbanização das mesmas, tendo como principal programa o



Favela-Bairro, resposta àquele espaço do “não” que há décadas vinha sendo problematizado. As intervenções focavam no acesso a serviços básicos como água, luz, esgoto, iluminação e coleta de lixo. Com a melhoria da infraestrutura das casas e da favela como um todo, as representações se deslocam, pouco a pouco, da noção de ausência.

Libertada, em parte, do enquadramento como o espaço do *Não*, a favela vê sua representação como o espaço da criminalidade maximizada. Os confrontos ocorridos naqueles espaços passam a ser chamados de “guerra” pela mídia. Neste caso, “cria-se a noção de território inimigo, de que o espaço onde o outro está não faz parte do seu território, e deve ser atacado ou ocupado. O outro passa a ser visto como inimigo, alguém que deve ser eliminado” (João Paulo Charleuaux apud RAMOS & PAIVA, 2007:57). “Morro Dona Marta, a guerra de cada dia”, estampa o jornal *O Dia* de 18 de outubro de 1992, que descreve as mortes ocorridas na disputa pela favela. O morro vivia “há cinco anos em clima de guerra, sem perspectiva de paz”. Anos mais tarde, o jornal *O Globo* passa a usar o termo “A Guerra do Rio” para descrever episódios violentos na cidade. Em abril de 2004, em um episódio chamado de “A Guerra da Rocinha”, cinco pessoas foram assassinadas durante a tentativa de ocupação da comunidade por um grupo rival. Acompanhando diariamente o desenrolar dos confrontos, o jornal constata em editorial: “as duas bandas do Rio tendem a ser unificadas pela violência. Quando se esperava a inclusão do Rio sem lei e violento pelo Rio de legalidade e do bem, a população testemunha, assustada, o inverso” (*Opinião, O Globo*, 13/04/2004, p.6).

Em 2001, a ONG Viva Rio lança o projeto Viva Favela, site que aposta *em uma cobertura menos estigmatizante das favelas, afastando-se do tema da violência*. As matérias eram escritas por jovens moradores de favelas e revisadas por jornalistas na redação, mostrando uma pluralidade bem maior de temas relacionados com aqueles espaços. Se a violência aparecia, as fontes não se limitavam à polícia: moradores e parentes conseguiam ter voz, e o morto tinha nome, história e voz.

“Felipe dos Santos Correia de Lima, 17 anos, foi morto ontem (14 de abril de 2009), por volta das 11h, próximo à sua casa, na Rua do Serviço, Baixa do Sapateiro, no conjunto de favelas da Maré. De acordo com relatos de moradores e vizinhos, policiais entraram na favela atirando. Felipe conversava com amigos e foi atingido por uma bala na cabeça. (...) Felipe era estudante da Escola Bahia, na Baixa do Sapateiro, trabalhava com o tio numa loja de consertos de eletrodomésticos e tinha acabado de se alistar no Exército” (MESQUITA, 2009).

Se os enquadramentos já não eram plurais, a morte do jornalista da Rede Globo Tim Lopes, durante uma cobertura no Complexo do Alemão, leva a um afastamento quase que



completo da imprensa em relação à favela. A apuração das pautas passa a ser diretamente com os órgãos de segurança pública, e a favela se torna um problema essencialmente de criminalidade. Uma análise mais aprofundada da cobertura do jornal *O Globo* da invasão das forças de segurança pública ao Complexo do Alemão, em 2007, mostra que a favela é retratada como o espaço da criminalidade em 93 das 132 matérias publicadas (ROCHA, 2010). O Complexo do Alemão é apresentado como “a fortaleza do tráfico”, o “principal entreposto de distribuição de drogas, armas e munição das zonas Norte e Leopoldina”⁷. “A caçada mostrou que o tráfico havia transformado as favelas daquela região em uma fortaleza inexpugnável”, afirma o jornal⁸. Ali havia 150 traficantes armados com fuzis e metralhadoras antiaéreas⁹. As casamatas, as barricadas e o treinamento recebidos se voltavam para a proteção do território dominado, no qual as 33 bocas-de-fumo negociavam semanalmente 30 quilos de cocaína pura. O Complexo era o principal “foco de disseminação de violência no Rio”¹⁰ – era o espaço a ser invadido pelas forças policiais e ocupado pelo Estado, cuja “omissão total” havia levado a uma situação que parecia “medieval: enclaves, fortalezas”¹¹.

Como solução para esta guerra, o discurso adotado pelas autoridades do Estado – e reproduzido pelo jornal *O Globo* – se sustenta na ideia de que era preciso “devolver as favelas para seus verdadeiros donos: a população inocente que só quer tranquilidade”, nas palavras de José Mariano Beltrame, secretário de Estado de Segurança Pública. A cobertura sobre os moradores possui uma diferença importante em relação a coberturas anteriores, em que o favelado era ignorado ou, ainda, era retratado como cúmplice do tráfico de drogas. Naquela *Guerra do Rio*, *O Globo* considerou o favelado a maior vítima dos confrontos. O jornal dá voz aos moradores da favela e seus representantes, abrindo espaço para a reflexão sobre o cotidiano dos favelados em um período de conflito entre traficantes e policiais. “É horrível viver assim, nessa tensão, sem nem poder ir para casa em paz”, afirmou uma mãe ao jornal. Um pai relata que, “por muito pouco”, um tiro não atingiu sua filha de dois anos¹². Em suma, *O Globo* apresentou o problema da segurança como um só para todos os cariocas, não importando o seu local de moradia. O jornal permite que os cidadãos do “asfalto” conheçam a realidade dos que habitavam os morros e, mesmo não discutindo em

⁷ “Complexo do Alemão, a fortaleza do tráfico” – *O Globo*, 20/05/2007, p.26.

⁸ “Notícias de uma guerra que já dura um mês” – *O Globo*, 27/05/2007, p.30.

⁹ “Bandidos com táticas militares” – *O Globo*, 09/05/2007, p.18.

¹⁰ “Secretário: objetivo é asfixiar tesouraria da facção” – *O Globo*, 23/05/2007.

¹¹ “Cerco Inglório” – Opinião, *O Globo*, 01/06/2007, p.6.

¹² “PM libera acesso obstruído por traficantes” – *O Globo*, 16/05/2007, p.15.



profundidade a questão favela – e a [ausência de] política habitacional -, promove uma solução para o Complexo do Alemão além da polícia: eram necessários programas sociais, bem estruturados e a longo prazo, para verdadeiramente modificar a realidade dos moradores das favelas do Rio de Janeiro.

A resposta veio no mesmo ano: o anúncio de vultosos recursos do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) para três grandes complexos de favelas do Rio de Janeiro – Complexo do Alemão, Complexo de Mangueiras e Rocinha –, no chamado PAC Favelas, gerido pelo Governo do Estado. Tratava-se de grandes obras de infraestrutura, de melhoria da locomoção e de construção de unidades habitacionais. Na área de segurança pública, a resposta veio no ano seguinte, com o lançamento da primeira Unidade de Polícia Pacificadora (UPP), no Morro Santa Marta, em Botafogo. Com a presença do Estado nas favelas cariocas devido ao PAC e às UPPs, programa que foi sendo implementado em diversas comunidades, os jornalistas voltaram a subir os morros, levando a um aumento do número de reportagens nestes lugares, apontando as suas principais necessidades, mas também aspectos positivos do cotidiano dos moradores. A escola de música do Santa Marta, a bela vista que se tem do alto do Morro da Fazendinha, no Complexo do Alemão, o Ano Novo no Morro da Babilônia e Chapéu Mangueira. De uma cidade à parte, a favela volta a ser parte da cidade. Mais recentemente, o recrudescimento da violência no Rio de Janeiro, que não poupou áreas “pacificadas” da cidade, provocou novamente um afastamento dos jornalistas das favelas, com a redução de matérias sobre outros aspectos e com outros enquadramentos que não seja o focado na violência.

Na discussão sobre a cidade, os últimos anos também trouxeram enquadramentos desfavoráveis às favelas. Magalhães (2010) ressalta que as tragédias provocadas pelas chuvas no primeiro semestre de 2010 levaram a uma nova discussão sobre a ocupação do solo e do espaço urbano, “tendo como o núcleo do debate a questão da 'favelização das cidades' e colocando, como solução a este problema, a erradicação das favelas”. O autor cita um editorial publicado pelo jornal *O Globo* no auge da primeira tragédia, ocorrida na cidade de Angra dos Reis:

“As mortes em Angra dos Reis fizeram brotar na mesa das autoridades decisões que precisam ser tomadas com urgência. A mais evidente delas é a necessidade de acabar com o preconceito contra as remoções e estabelecer um programa efetivo de combate à favelização no estado... Dar ouvidos a conceitos supostamente sociológicos de que as remoções são medida elitista, para afastar os ‘pobres’ dos ‘ricos’, apenas alimenta o tal manancial de malfetorias”¹³

¹³ *O Globo*, 05/01/2010.



Em abril de 2010, as chuvas atingiram a cidade do Rio de Janeiro e Niterói, intensificando o debate acerca da remoção de favelas. Magalhães (2010) ressalta que mais uma vez, “buscar-se-ia produzir brechas no enquadramento moral acerca das favelas que permitissem a (re)introdução da via da remoção para lidar com o 'problema favela'”. Para isso, era necessário reincorporar ao vocabulário comum a palavra remoção. As tragédias teriam contribuído para “quebrar o tabu” em relação a estas práticas, favorecendo as propostas de intervenção para estes espaços: “a tragédia de 2010 tem de ser o marco zero de uma política séria de remoções de moradores de áreas de risco e de pequenas favelas, ainda em condições de ser erradicadas. Não há mais por que manter o preconceito contra remoções”¹⁴. Em julho daquele mesmo ano, a Prefeitura do Rio lançou o programa Morar Carioca, que listou inicialmente um conjunto de 123 favelas (aproximadamente 13 mil famílias) que deveriam ser completamente removidas até o final de 2012. O programa e as obras visando aos Jogos Olímpicos Rio 2016 fizeram com que a Prefeitura removesse 67 mil pessoas, de janeiro de 2009 a dezembro de 2013 (FAULHABER & AZEVEDO, 2015). A título de comparação, Carlos Lacerda (1961-1965) removeu 30 mil pessoas, e Pereira Passos (1902-1906), 20 mil.

3. Influência ou reflexo?

Discutir a favela através da análise de conteúdo de coberturas permite a compreensão, ainda que parcialmente, de como os jornalistas são capazes de produzir discursos sobre certo território ou grupo de indivíduos na sociedade. Felipe Pena (2013), ao discutir a teoria do *newsmaking*, afirma que um dos pressupostos da mesma seria que a imprensa “não reflete a realidade, mas ajuda a construí-la”. Apoiando-se no método construtivista, a teoria enfatiza que as notícias “informam e têm referência na realidade”, mas “também ajudam a construir essa mesma realidade e possuem uma lógica de constituição que influencia todo o processo de construção” (PENA, 2013:129). A discussão do processo de elaboração das notícias ganha importância quando os jornalistas criam subjetividades em relação a espaços e grupos que influenciam o tratamento concedido a estes. A análise realizada neste artigo mostra que os enquadramentos das favelas e as políticas públicas voltadas para estes espaços estão relacionados; não sendo possível, no

¹⁴ Editorial de *O Globo* em 09/04/2010.



entanto, determinar como se dá esta relação - se os enquadramentos influenciam ou são influenciados pelas políticas em vigor. Alguns enquadramentos podem ter sido influência, e, outros, reflexo das políticas voltadas pelas favelas. É notório ainda que muitos dos enquadramentos dominantes nos períodos analisados representaram a favela como uma ameaça – foco de doenças, de criminalidade e de tragédias ambientais, entre outros –, sendo poucas as representações positivas. Atualmente, a população destas comunidades raramente conta com uma cobertura de questões não relacionadas com tráfico de drogas e criminalidade. A cultura, o esporte e as dificuldades enfrentadas pelos moradores aparecem muito pouco nos jornais, se comparado com o número de reportagens dedicadas aos tiroteios e ações policiais que ali ocorrem. A integração da favela à cidade parece não depender apenas de intervenções do poder público; também estaria vinculada a mudanças no imaginário dos cidadãos, muitas vezes preconceituoso em relação às favelas e a seus moradores. A valorização da favela, em toda a sua diversidade, depende de diversos atores, entre eles os próprios favelados, o poder público, a sociedade civil organizada, a produção acadêmica e, sem dúvida, a imprensa.

4. Referências bibliográficas

CHOMSKY, N.; HERMAN, E.S. **Manufacturing Consent**. Londres: Pantheon Books, 1988.

COIMBRA, C. Operação Rio - **O mito das classes perigosas**: um estudo sobre a violência urbana, a mídia impressa e os discursos de segurança pública. Oficina do Autor: Niterói, 2001.

COLLING, L. **Agenda-setting e framing**: reafirmando os efeitos limitados. Revista FAMECOS, Porto Alegre, nº 14, abril/2001, p.88-101.

ENTMAN, R. Framing: **Toward clarification of a fractured paradigm**. In: LEVY, M.; GUREVITCH, M. (ed.). *Defining Media Studies: reflections on the future of the field*. New York: Oxford University Press, 1994.

FAULHABER, L.; AZEVEDO, L. **SMH 2016**: Remoções no Rio de Janeiro Olímpico. Rio de Janeiro: Mórula, 2015.

FUNDAÇÃO LEÃO XIII. **Estatutos da Fundação Leão XIII**: artigo 1º. Rio de Janeiro, 2 fev. 1947

GITLIN, T. **The whole world is watching**. Mass media in the making & unmaking of the new left. Berkeley: University of California Press, 1980.



GOFFMAN, E. **Frame Analysis**. An essay on the organization of experience. New York: Harper & Row, 1974.

HALLIN, D.C. **We keep America on the top of the world**. Television journalism and the public sphere. Routledge, 1994.

MAGALHÃES, A. “**As favelas não devem ser vistas como um tabu**”: o retorno da remoção como forma de intervenção estatal nas favelas do Rio de Janeiro. Texto apresentado à Oficina de Estudos Urbanos (CPDOC/FGV), 2013.

McCOMBS, M. E.; SHAW, D. L. **The agendasetting function of mass media**”. In: Public Opinion Quarterly, Vol. 36, Número 2, Summer 1972.

MESQUITA, W. **Morte na Maré**. Reportagem publicada em 15/04/2009 no site Viva Favela. Disponível em <http://novo.vivafavela.com.br/publique/>. Acesso em 23/07/2009.

OLIVEIRA, J.S, MARCIER, M.H. **A palavra é: favela**. In: ZALUAR, A., ALVITO, M. Um século de favela. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p.61-114.

PENA, F. **Teoria do Jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2013.

PERLMAN, J.E. **O mito da marginalidade: favelas e política no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

PORTO, M.P. **A mídia brasileira e a eleição presidencial de 2000 nos EUA: A cobertura do jornal Folha de S.Paulo**. Cadernos do Ceam, Brasília, volume II, número 6, p. 11-32, 2001.

_____. **Enquadramentos da mídia e política**. In: Anpocs, 2002.

RAMOS, S.; PAIVA, A. **Mídia e violência: tendências na cobertura da criminalidade e segurança no Brasil**. Rio de Janeiro: Iuperj, 2007.

ROCHA, D.G. **Da Batalha à Guerra do Rio: uma abordagem espaço-temporal da representação do espaço-favela na imprensa carioca**. Dissertação (mestrado). Rio de Janeiro: ENCE/IBGE, 2010.

SANTOS, M.C.R. **Demolição, Batalha e Paz: favelas em manchetes**. Dissertação (mestrado). Rio de Janeiro: UFRJ/ECO, 2001.

SILVA, J.S., BARBOSA, J.L. **Favela: alegria e dor na cidade**. Rio de Janeiro: Editora Senac Rio, 2005.

VALLADARES, L.P. **A invenção da favela**. 1ª Edição. Do mito de origem à favela.com. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

ZALUAR, A., ALVITO, M. **Um século de favela**. 5ª Edição. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.



Edições de jornais e revistas consultadas:

Correio da Manhã, 02/06/1907.

Correio da Manhã, 02/07/1923.

Correio da Manhã, edições de 14/05/1948 a 06/06/1948.

Correio da Manhã, “Favelados decidem em congresso lutar contra as remoções”, 17/11/1968, p.9.

Correio da Manhã, “Nem mesmo na Catacumba eles tinham tantos problemas”, 21/01/1971.

Jornal do Brasil, 16/04/1965.

Jornal do Brasil, “Revolta de 200 famílias não impede despejo de favela onde saiu até tiro”, 26/05/1966, p.14.

Jornal do Brasil, “Associação dos Moradores da Catacumba quer policiamento impedindo novas construções”, 03/05/1969, p.5.

O Dia, “Morro Dona Marta, a guerra de cada dia”, 18/10/1992, p.20.

O Globo, *Opinião*, 13/04/2004, p.6.

O Globo, edições de 03/05/2007 a 08/07/2007.

O Globo, 05/01/2010.

O Globo, editorial de 09/04/2010.

Revista A Semana, “Como vivem os habitantes da Favella”, 27/02/1927.

Revista A Voz do Morro, editorial, 03/1935, p.1.

Revista Careta, “O Rio Desconhecido”, 04/12/1909.